

**E o trabalhador é cativo:
O escravo urbano e seus ofícios na cidade de Rio Grande [1848-1852]**

Natália Garcia Pinto¹ - FURG

Resumo: Normalmente, a historiografia riograndense discute sobre o mundo do trabalho das charqueadas e estâncias, cuja abordagem gira em torno do emprego da mão de obra escrava. Como seria então, o mundo do trabalho do porto, ou melhor, da cidade de Rio Grande? O espaço urbano da cidade permitia a adoção do trabalho cativo? Diante disso, esta comunicação tem por objetivo buscar se no espaço citadino de Rio Grande, havia o trabalhador escravo, como fora mostrado nas pesquisas desenvolvidas nas outras cidades brasileiras [São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro], em que o mercado de trabalho era negro pelo emprego de cativos nos serviços prestados à comunidade citadina. Assim sendo, essa pesquisa tem o intuito de trazer novas abordagens sobre o mundo do trabalho citadino de Rio Grande, em meados do século XIX.

Palavras-chaves: Rio Grande, Escravo Urbano, Cidade Negra.

Em meados dos anos Oitocentos, Rio Grande destacava-se no cenário econômico sulino devido à atividade portuária que se desenvolvia com significativa importância. Por se tratar do principal porto da província gaúcha, o avanço econômico advindo desta condição geraria, por sua vez, as condições necessárias ao desenvolvimento comercial e urbano de tal cidade.

Segundo o relato do viajante e comerciante inglês Luccock, havia na cidade um relevante comércio de importação de produtos ingleses e europeus, e “o comércio interior, de além das fronteiras, o mais lucrativo de que São Pedro gozava” que “se achava em franco progresso”.² Significativo ressaltar que o avanço comercial da cidade ocorreu também em virtude “do escoamento pelo seu porto de boa parte da produção charqueadora riograndense, com destaque para os couros de boi, o charque, os chifres, a graxa, a carne em barris, o sebo e o tutano em bexigas”.³

¹ Graduada no curso de História Bacharelado na Fundação Universidade Federal do Rio Grande no ano 2007. Este artigo é uma parte do trabalho desenvolvido em minha monografia intitulada “Rio Grande e sua Cidade Negra: A Escravidão Urbana nos anos Oitocentos do Século XIX [1848-1852]”.

²LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1975. p. 122.

³ ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *Cidade do Rio Grande: História & Historiografia*. Rio Grande: Editora da FURG, 1987. p. 40.

Por conseguinte, a esse crescimento comercial da cidade do Rio Grande, surgem novas exigências e demandas de serviços característicos de um espaço urbano, os quais eram executados pela mão de obra cativa, tanto na esfera domiciliar como na orla do cais do porto e das ruas e becos da cidade. Fato que pode ser analisado pela leitura dos anúncios de compra, venda e aluguel do periódico *O RioGrandense* de 1848 a 1852, em que se constata os ofícios ministrados pelo contingente de negros na sociedade de Rio Grande.

No setor de anúncios, há uma grande quantidade de oferta e procura de escravos, seja para comprar, seja para vender, seja para alugar. Esses anúncios costumam trazer informações sobre o sexo dos escravos, os ofícios, nome do proprietário, a conduta do cativo, o estado de sua saúde, características físicas, em alguns casos esporádicos a idade e a nação, local de origem, se eram de outra província, a cor e o preço do aluguel. Essas informações possibilitam dimensionar a ocupação da mão de obra cativa e, a partir disso, avaliar sua importância, principalmente, nas atividades urbanas.

Neste artigo os anúncios foram divididos em compra e venda por sexo. Essa divisão se deve ao fato de os anúncios de compra e venda apresentarem uma maior quantidade de dados referentes aos ofícios coletados em relação aos ofícios de aluguel na pesquisa. Para tanto, será analisado detalhadamente cada ofício com o intuito de identificar quem era o cativo urbano da cidade de Rio Grande, além de trabalhar com maior clareza a questão da *Cidade Negra*, onde esses cativos são as personagens centrais da construção de minha pesquisa.

A. Anúncios de Compra e Venda de Escravos

Os escravos eram anunciados por agências, leilões, armazéns e proprietários que vendiam ou compravam de outro proprietário, ou para a liquidação de dívidas de seus senhores. A Tabela 1 foi construída a partir do somatório dos 244 ofícios computados dos anúncios de compra e venda de escravos do sexo masculino, para se poder caracterizar quem era esse cativo da cidade do Rio Grande, nos anos Oitocentos do século XIX, como podemos ver a seguir:

Tabela 1 – Escravos do Sexo Masculino

Ofícios	Quantidade	Ofícios	Quantidade
Cozinheiro	49	Pintor	02
Marinheiro	18	Forneiro	02
Sapateiro	16	Calafate	02
Pedreiro	14	Tamanqueiro	02
Campeiro	13	Boleiro	02
Alfaiate	11	Carroceiro	02
Carpinteiro	10	Carreteiro	01
Lavadeiro	10	Picador de fumo	01
Roceiro	09	Seleiro	01
Pajem	08	Correeiro	01
Padeiro	06	Serrador	01
Charqueador	06	Doceiro	01
Engomadeiro	05	Tecelão	01
Domador	05	Refinador de açúcar	01
Oleiro	05	Estofador	01
Copeiro	04	Remador	01
Marceneiro	04	Cosero	01
Criado	04	Barbeiro	01
Ferreiro	03	Sangrador	01
Moleque de recado	03	Salgador	01
Carneador	03	Lavrador	01
Tanoeiro	02	Fabricante de vela	01

Fonte: Jornal *O Rio-Grandense*, 1848-1852.

Analisando a Tabela acima, é possível observarmos que o dado de destaque foi o de cozinheiro que apresentou um total de 49 ofícios, seguido com um número bem menor, do ofício de marinheiro, com 18 anúncios.

Cabe mencionarmos que em determinados anúncios o ofício executado pelo escravo cozinheiro não estaria apenas vinculado aos domicílios de Rio Grande, mas também ao porto, devido o fato de que cozinheiros cativos exerciam ao mesmo tempo o ofício de marinheiro, como se pode observar pelo seguinte anúncio:

Vende-se um preto bom cosinheiro e marinheiro, quem o quizer vê dirija-se à bordo do brigue *Mac te Garde*, fundeado em frente aos fundos da casa do Sr. Bernardo José Pereira; e para tractar ao escriptorio do Sr. Antonio da Silva Ferreira Tigre, na praça municipal.⁴

Diante disso, notamos que o escravo da cidade do Rio Grande colocado à venda, além de desempenhar as artes culinárias também sabia executar atividades marítimas. O ofício de marinheiro desse escravo poderia estar tanto integrado a tripulação de grandes embarcações, como um brigue que comporta de 100 a 200 toneladas, como de pequenas embarcações que levavam e traziam mercadorias ou passageiros à cidade de Rio Grande ou áreas próximas a ela como São José do Norte e Pelotas, pela Lagoa dos Patos.

Todavia, é notório destacarmos que o ofício de marinheiro permitia ao escravo certa liberdade, pois, muitas vezes, navegavam sem a presença de seu senhor. Porém, “essa liberdade não era o quinhão da maioria dos barqueiros e marinheiros, pois trabalhavam sob a supervisão disciplinadora do senhor ou feitor do manejo de escravos e marinheiros das galeras”⁵, além de estarem também sob vigilância das posturas municipais da cidade.

Além disso, há uma quantidade expressiva de ofícios urbanos como: o sapateiro, o pedreiro, o alfaiate, o carpinteiro, o pajem, o padeiro. É notório ainda destacarmos os ofícios ligados ao cais do porto, além do cozinheiro e o marinheiro, tinha também o calafate, o tanoeiro, o pintor, o marceneiro, o carpinteiro e o remador.

Também consta na Tabela 1, em pequena quantidade, os ofícios domésticos realizados pelo homem cativo como o cozinheiro, o lavadeiro, o copeiro e o cosero. Por outro lado, não estão ausentes ofícios ligados ao campo como: o campeiro, o roceiro, o charqueador, o domador, o carneador, o sangrador, o salgador e o lavrador.

Uma outra informação, que consta em alguns anúncios, é a proveniência, como mostra o seguinte trecho de um anúncio coletado: “Vende-se um preto ainda moço

⁴ Jornal *O Rio Grandense*, 19 de fevereiro de 1850. p. 3.

⁵ KARASCH, Mary. *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro 1808-1850*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. p. 267.

excelente cozinheiro, chegado estes dias do Rio de Janeiro faz doce de toda qualidade, e refina assucar, quem o pretender dirija se a rua do Carmo nº 8 loja”.⁶

O texto informa que o escravo, além de ter habilidades como cozinheiro e doceiro, desempenhava também o ofício de refinador de açúcar. Assim, esse escravo na cidade do Rio Grande se destacaria como um ofício especializado, além de ser uma mão de obra cativa versátil, pois poderia trabalhar nos domicílios cozinhando a seus senhores, ou com a venda de seus preparativos que, no caso, seriam os doces, como vendedor ambulante pelas ruas e becos da cidade.

Outra informação interessante são as atividades ligadas ao âmbito das artes como o pintor, pois segundo Karasch estes “eram geralmente empregados na decoração de prédios públicos, igrejas e residências”.⁷ Contudo, o ofício de pintor na cidade do Rio Grande tanto poderia estar relacionado às atividades artísticas como ao porto, devido à necessidade da pintura de navios, para a sua conservação. Além das atividades executadas por escravos artesãos como o ferreiro, o carpinteiro e o marceneiro, que modelariam móveis ou trabalhariam na construção de navios nos estaleiros e com objetos decorativos.

Significativo destacar a presença de ofícios característicos da região de Rio Grande, como o correeiro e o seleiro. O primeiro poderia vender ou confeccionar correias de couro pelas ruas da cidade, e o seleiro as selas ou arreios.

Para Cardoso, o escravo urbano era uma mão de obra valorizada em virtude de sua qualificação no mercado de trabalho. A valorização é certo decorria de forma imediata da função desse tipo de escravo no processo produtivo e, fundamentalmente, era o reconhecimento da capacidade de uma ferramenta mais aperfeiçoada [de ou explorar] render trabalho.⁸

Mesmo no campo, os ofícios eram valorizados dentre eles, o charqueador, o domador, o carneador, o sangrador e o salgador. Tais atividades estariam ligadas às lidas campeiras e aos trabalhos prestados pelos cativos nas charqueadas nas regiões

⁶ Jornal *O RioGrandense*, 24 de maio de 1849. p. 3.

⁷ KARASCH, 2000: 282.

⁸ CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata no Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 150.

circunvizinhas da cidade de Rio Grande. No anúncio coletado abaixo podemos avaliar algumas ocupações dos escravos com certo nível de especialização:

Vende-se tres pretos que tem servido em charqueadas e um sabe carnear, são ainda moços e próprios para todo o serviço da roça; quem os pretender falle com Leonardo Augusto da Silva na rua do Pito nº 60 ou com o annunciante José Luís Alves.⁹

Notamos pelos dados do anúncio a presença de ofícios com certo nível de especialização como o charqueador e o carneador. Este último deveria ter uma valorização em destaque pela habilidade de carnear com maestria os animais a serem abatidos para o mercado de venda de tal produto.

Nicolau Dreys relata que nas charqueadas a estação da matança tem início em novembro e seu término ocorre no mês de maio. E, conforme a data do anúncio pesquisado no mês de janeiro do ano de 1852 percebe se que os escravos expostos à venda, poderiam ser adquiridos para trabalhar na estação da matança de animais de uma charqueada ou estância próxima a Rio Grande.

Em suma, os ofícios e os anúncios de compra e venda aqui apresentados nos trazem dados expressivos da presença dos escravos do sexo masculino trabalhando em inúmeras prestações de serviço, seja na órbita do cais do porto e ruas da localidade, seja nas residências riograndinas.

B. Anúncios de Compra e Venda de Escravas

Os anúncios de compra e venda de cativas apresentaram dados significativos a respeito dos ofícios executados na cidade do Rio Grande, sendo computados um total de 356, conforme a tabela abaixo:

Tabela 2 – Escravos do Sexo Feminino

Ofícios	Quantidade	Ofícios	Quantidade
Lavadeira	85	Quitandeira	05
Engomadeira	81	Rendeira	05
Cozinheira	73	Criada	05

⁹ Jornal *O RioGrandense*, 13 de janeiro de 1852. p. 3.

Cosera	51	Refinadora de açúcar	02
Costureira	14	Padeira	02
Mucama	11	Bordadeira	02
Ama de leite	10	Fabricante de vela	01
Doceira	08	Serviços de charqueada	01

Fonte: Jornal *O RioGrandense*, 1848-1852.

Analisando a Tabela 2, é possível observarmos que a informação de maior destaque foi à ocupação de lavadeira com 85 ofícios, seguida pela engomadeira, cozinheira e cosera, respectivamente, com 81, 73 e 51 ofícios. Atividades tipicamente femininas ligadas à esfera domiciliar.

Já os ofícios desempenhados pelas cativas nas ruas, constam às atividades de costureira, doceira, quitandeira, rendeira, refinadora de açúcar, padeira, bordadeira e fabricante de vela. E em relação aos ofícios executados na esfera do campo apenas foi registrado 01 ofício, o de serviços de charqueada.

Um dado significativo a ser comentado seria a respeito dos ofícios de cosera e costureira, pois ambos assemelham-se em suas funções por lidarem com a costura de vestimentas. Todavia, percebemos que o ofício de cosera apresentou maior número em relação ao ofício de costureira. Tal fato pode ser associado pelo custo da mão de obra, visto que escravas costureiras “costuravam vestidos e faziam rendas nas famílias e modistas”¹⁰, por sua vez, as escravas coseras poderiam apenas costurar ou remendar roupas mais singelas de suas senhoras.

Por conseguinte, as atividades de mucama, ama de leite e de criada também poderiam estar interligadas, pois as mucamas eram criadas pessoais de famílias abastadas. Além do mais, “em muitos lares, [...], ela servia de governanta ou supervisora encarregada dos outros escravos”.¹¹ E também em determinadas momentos os papéis de ama de leite e de criada se misturavam, visto que as escravas além de amamentarem os filhos de seus amos, trabalhavam como criadas dando conta dos serviços domésticos da casa.

¹⁰ KARASCH, 2000: 278.

¹¹ IBIDEM, p. 286.

Em relação aos ofícios de doceira e quitandeira também poderiam estar imbricados, uma vez que a cativa, além de preparar os doces, poderia vendê-los em seus tabuleiros como quitandeira pelas ruas de Rio Grande. Fato percebido por Mattoso na Bahia Oitocentista, pois as negras “saem com seus tabuleiros de doces e rendas que vendem nas ruas para o senhor, proporcionando lhe lucros suplementares não desprezíveis”.¹²

Comparando os ofícios dos escravos do sexo masculino e dos escravos do sexo feminino pode se observar que as cativas executavam atividades mais ligadas ao âmbito dos afazeres domésticos, enquanto os homens desempenhavam ocupações vinculadas às ruas da cidade. O que podemos averiguar pelo seguinte anúncio:

Vende-se uma negra de nação, idade 20 annos com uma cria de 2 mezes lava, engomma com perfeição, e entende de cosinha e costura; quem precisar dirija-se á rua da Boa Vista nº 24 em casa de José Antonio Ferreira de Souza.¹³

Neste anúncio se constata a presença de ofícios do âmbito doméstico como lavadeira, engomadeira e cozinheira. Todavia, é significativo, que são ressaltadas as suas qualidades profissionais: “engomma com perfeição” e “entende de cozinha e costura” com o intuito de destacar os atributos da cativa para atrair algum comprador. Quando se trata de vender os escravos, os senhores não economizam elogios às suas qualidades e os periódicos os descrevem em seus anúncios como indivíduos estimáveis e capazes.¹⁴

Porém, é interessante analisarmos alguns ofícios citados na Tabela 2 que costumam ser associados à figura do escravo do sexo masculino. Exemplo disto seria o ofício de padeira. Esse ofício é comumente associado à figura masculina, no entanto, a presença dessa atividade evidencia que a habilidade de preparar massas de pão no forno também poderia ser executada pelas mãos das escravas.

Outro caso peculiar de ofícios ministrados pelas escravas seria a refinadora de açúcar. Esse serviço deveria requerer um aprendizado para refinar o açúcar, produto bastante valioso na época. Além do mais, essa cativa poderia também preparar os doces

¹² MATTOSO, Kátia. *Ser Escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 111.

¹³ Jornal *O RioGrandense*, 08 de fevereiro de 1848. p. 3.

¹⁴ MATTOSO, 1990: 111.

e vender os mesmos como ambulante nas ruas e becos de Rio Grande, sendo uma mão de obra versátil.

O ofício de fabricante de vela também evidencia uma peculiaridade no emprego de cativas no mercado de trabalho da cidade de Rio Grande, como podemos analisar pelo trecho do anúncio coletado:

Vende-se uma negra creoula chegada proximadamente do Rio de Janeiro, sabe coser, lavar, engommar com perfeição, também sabe fazer doce e vellas de sebo [...] quem a pertender dirija-se a esta typographia, ou á rua da Praia nº 104.¹⁵

Significativo mencionarmos, que a escrava colocada à venda no periódico *O RioGrandense* não era nativa da cidade, pois era da província do Rio de Janeiro, como mostrou o trecho do anúncio acima. Pelo enunciado do anúncio nota se que a escrava colocada à venda também possuía versatilidade de ofícios, pois poderia realizar os serviços domésticos de cosera, lavadeira e engomadeira, além de fabricar doce e velas de sebo. Em relação aos doces e velas, a cativa além de preparar estes artigos poderia vender os mesmos nas ruas e becos da cidade como vendedora ambulante, assim como as negras com seus tabuleiros da Bahia, que “a tudo levavam à cabeça e isto lhes deixa livres as mãos. Os objetos parecem tão seguros sobre a cabeça nua como no lenço que serve de turbante”.¹⁶

Karasch ao mencionar sobre os vendedores ambulantes relata que alguns escravos especializavam-se em determinado artigo porque eram empregados pela pessoa que as fazia; por exemplo, o escravo que trabalhava para um fabricante de velas vendia velas. Assim sendo, a cativa fabricante de vela poderia ser uma artesã de velas na cidade do Rio Grande, ao se especializar no fabrico e na venda de velas de sebo.

Contudo, o caso que consideramos relevante se refere aos serviços prestados na charqueada pela cativa apresentada na Tabela 2 que constou apenas com um ofício. O trabalho desenvolvido nas charqueadas normalmente, é prestado pelos cativos do sexo masculino. No anúncio analisado podemos perceber este fato inusitado:

¹⁵ Jornal *O RioGrandense*, 20 de abril de 1848. p. 3.

¹⁶ MATTOSO, 1990: 141.

Vende-se uma escrava ainda moça, muito humilde, não bebe qualidade de bebida alguma sabe lavar, cosinhar, boa quitanda, sabe todo o serviço de charqueada menos o de carnear, onde tem sido sempre seu emprego; quem a pertender dirija-se á esta typographia.¹⁷

Este anúncio é rico em informações a respeito dos serviços oferecidos pela escrava colocada à venda. Primeiramente, a cativa recebe atributos positivos, pois ela “não bebe qualidade de bebida alguma” e “muito humilde”, ou seja, apta para o trabalho. Além disso, a escrava poderia trabalhar nos domicílios como cozinheira e lavadeira, ou vendendo verduras, legumes como quitandeira no mercado ou nas ruelas da cidade. No entanto, o fato desta escrava saber executar serviços de charqueada, exceto a função de carnear, demonstra a versatilidade desta moça, uma vez que poderia prestar serviços de rua, domésticos e campeiros. No caso deste último, teria um significativo desempenho por trabalhar muito tempo em charqueadas “onde tem sido sempre seu emprego”.

Assim sendo, pelas informações apresentadas a respeito dos ofícios das escravas no espaço citadino de Rio Grande pode se perceber que grande parte dos serviços domésticos era desempenhada por elas nas residências dos senhores riograndinos, além de executarem funções pelas ruas da cidade.

Considerações Finais

Percebemos pelos dados apresentados neste artigo a presença de trabalhadores cativos executando os mais variados serviços na cidade de Rio Grande, seja em atividades domésticas, seja em atividades ligadas a orla do porto e pelas ruas. Assim sendo, vai se delineando, pelos ofícios tanto do cativo do sexo masculino como do cativo do sexo feminino, um mundo de trabalho de uma *Cidade Negra*, onde esses homens e mulheres transitavam diariamente para a realização de seus ofícios à clientela riograndina, visto que grande parte da prestação de serviço era realizada pelo contingente escravo da cidade Oitocentista de Rio Grande, como foi mostrado pelos anúncios de compra e venda dos ofícios dos escravos.

¹⁷ Jornal *O RioGrandense*, 13 de dezembro de 1851. p. 3.

Nesse âmbito, notamos que os cativos desempenhavam os mais variados ofícios e, desse modo, o trabalho na cidade estava a cargo dos escravos, visto que o senhor branco sempre evitava o contato direto com o trabalho. Segundo Gorender, se, em Portugal, o trabalho manual era envilecido sob a perspectiva da ideologia feudal, era o mais ainda, no Brasil, sob a perspectiva da ideologia escravista.¹⁸

Além disso, se constata pela variedade de ocupações uma grande presença do escravo urbano, em Rio Grande, tendo como característica de ofícios no que tange ao cativo do sexo masculino os ofícios de cozinheiro e marinho. Por sua vez, a característica das trabalhadoras cativas se dava pelos trabalhos executados na esfera do lar, em sua grande maioria, ao passo que os homens labutavam, em grande parte, nas ruas de Rio Grande.

Diante disso, a existência do cativo urbano na cidade de Rio Grande, se assemelha as abordagens realizadas nos espaços citadinos de Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, em que a presença deles se fazia primordial para a execução do trabalho manual desprezado pelos senhores, e à formação de um mundo do trabalho cativo e negro. Assim, ao realizar seu trabalho à clientela da sociedade riograndina – quitadeiras, ferreiros, marinheiros, cozinheiros, sapateiros, amas de leite, engomadeiras, lavadeiras pintores, coseras, costureiras, etc. -, os escravos urbanos da cidade de Rio Grande vão constituindo o mundo urbano do trabalho de uma *Cidade Negra* em que o trabalho manual ficava a cargo de suas execuções. Desse modo, essa *Cidade Negra* seria caracterizada pelo trabalho cativo, pois conforme analisado, grande parte do trabalho manual estava nas mãos dos escravos no espaço citadino de Rio Grande.

No entanto, deve se fazer uma ressalva a respeito da *Cidade Negra* em virtude dela existir apenas no mundo do trabalho urbano de Rio Grande, onde os cativos realizam suas funções rotineiras. Diante disso, Rio Grande, em meados da década de cinquenta do século XIX, comporta dentro de seu espaço urbano e portuário uma *Cidade Negra*, em que os cativos fazem parte do mundo do trabalho urbano à luz do dia, quando circulam pelas ruas aproveitando da certa liberdade de movimento e de autonomia auferida na cidade, para realizarem seus ofícios e, ao final do dia, trazem aos senhores os jornais extraídos do trabalho. Ou seja, as ruas da do núcleo citadino de Rio

¹⁸ GORENDER, Jacob. *Escravidismo Colonial*. São Paulo: Ática, 1978. p. 454.

Grande transformavam-se em espaço social e de trabalho em que a vida rotineira dos trabalhadores cativos se misturava aos olhos e aos passos dos moradores de tal cidadela. À noite sob o espectro da luz da lua, esses trabalhadores cativos saem com ou sem a permissão de seus amos, para desfrutarem de diversões e prazeres mundanos na orla do cais, misturando se com os demais habitantes da cidade, além de reinventarem territórios e redefinirem novas identidades e fronteiras com seus irmãos de cativo, que compõem o mundo do trabalho urbano de Rio Grande, quando o sol e a brisa do mar são constantes em um dia de serviço rotineiro na *Cidade Negra*.

Referências Bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luis Henrique. Cidade do Rio Grande: História e Historiografia. Rio Grande: Editora da FURG, 1987.

CARDOSO, Fernando Henrique. Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GORENDER, Jacob. Escravidão Colonial. São Paulo: Ática, 1978.

KARASC, Mary. A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro 1808-1850. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. São Paulo: Itatiaia, 1975.

MATTOSO, Kátia. Ser Escravo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Fontes

- Jornal *O RioGrandense* de 1848
- Jornal *O RioGrandense* de 1849
- Jornal *O RioGrandense* de 1850
- Jornal *O RioGrandense* de 1851
- Jornal *O RioGrandense* de 1852.